

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA — LICENCIATURA

Júlia Bragé Cezar

**RESISTÊNCIA, TRANSGRESSÃO E OUSADIA:  
táticas, redes e pertencas de pessoas em situação de rua**

Porto Alegre  
2. semestre  
2016

Júlia Bragé Cezar

**RESISTÊNCIA, TRANSGRESSÃO E OUSADIA:  
táticas, redes e pertencas de pessoas em situação de rua**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Rogério Pinheiro.

Porto Alegre

2. semestre

2016

*Aos “desajustados e inconformados”, que ousam transgredir imposições e transformam com sutileza realidades, resistindo, amando e pincelando o mundo com mais lutas e beleza.*

## AGRADECIMENTOS

Aqui estão palavras do coração, palavras de gratidão e bem-querer a todos que me encorajam a experienciar a vida. *Obrigada*

aos *que fizeram parte* de cada pedacinho desse trabalho e que, muito longe de anônimos, são aqueles que fazem coro a uma resistência improvável e admirável;

aos *meus professores* nessa instituição, que me propuseram o pensamento crítico, me instigaram ao interesse pelo próximo e me inflamaram com a vontade de "fazer": mais, melhor e sempre;

*Leandro*, por ter me auxiliado nesses escritos e acompanhado meus passos, dedicando-se em entender minhas aspirações para as palavras e o propósito delas;

*Karine e Paulo*, por terem aceitado ler as minhas palavras, acalmado meu coração e me incentivado a seguir com esses escritos em um futuro próximo;

aos *meus amigos e colegas*, principalmente Laura, Paula, Lucas e Deb, por terem sempre se importado, compartilhado e me abraçado e serem vocês, que além de amigos foram também meus professores - e os mais importantes;

*Pai*, por me cuidar e me criar acreditando em coisas bonitas e justas. Por me ouvir e acreditar nos meus sonhos mesmo exausto, por sempre dizer o quanto eu sou capaz e o quanto tu acredita "que eu vou longe". Obrigada pelo teu amor e por dedicar tudo o que tu pôde a mim, mesmo nos piores momentos;

*Fernando*, por me ajudar a arrumar a bagunça que às vezes aparece no coração. Por me fazer cafés, passear comigo no sol e me cuidar, me incentivando em cada segundo. Por ter me mostrado a confiança em mim mesma e por ouvir meus sonhos e participar deles. Obrigada pelos teus olhares e carinhos sempre cheios de amor;

*Tio Miske*, por ter estado sempre por perto e cuidado de mim, me mostrando caminhos e oportunidades que talvez eu não encontrasse sozinha. Por ter se importado, sempre com tanto carinho. Obrigada por "ter dado palpites" que me ergueram e me encaminharam e correspondem muito do que sou e quero;

*Tia Moni*, por olhar por mim, acreditar e se orgulhar dos meus passos. Obrigada por ter me recebido de volta com tanta esperança e amor nos teus braços.

*Deb*, por ter estado lado a lado comigo durante quase toda essa caminhada. Por

ter se preocupado com meu bem estar, me dado colo e sempre ter me ajudado a ser uma pessoa melhor. Obrigada pelo teu amor;

*Mãe...* Obrigada pela tua força e tuas batalhas. Pelo teu olhar sensível, pelo teu cuidado comigo, pelo teu esforço e dedicação em me ver bem acima de tudo. Tu ainda me ensina, me motiva e me guia. Quando eu crescer, quero ser como tu: forte, lutadora, resistente, sonhadora e amável, apesar e a partir de todas as adversidades do caminho.

Obrigada a quem, simplesmente por ser quem é, me ajudou em cada minuto possível. São vocês que me fazem acreditar na luta, na resistência e no amor — são vocês a minha rede.

*É, dizem que não é pra você,  
essa história de vencer,  
e sonhar e conquistar.  
Eu digo que é pra você,  
essa história de vencer,  
e sonhar e conquistar.*

*Eles querem forjar heróis  
pra manter o povo sem voz.  
É o soco no queixo, lapada no beixo.  
O tambor de crioula merece respeito.  
Duro é saber que o país que almejo,  
já foi vendido por um baixo preço.*

*Então façam das flores navalhas,  
que farei das canções baionetas.  
A verdade é o todo e o todo é povo.  
Meu povo é sofrido e não foge da luta,  
pois em casa de menino de rua  
o último a dormir apaga lua.*

*Vai, que eu quero encontrar este lugar.  
E possa dizer: 'valeu a pena essa porra de  
vez!'.  
Vai ser assim, senhor.  
(Criolo, "Vai ser assim")*

## RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, apresento a Educação como um instrumento transformador e por vezes transgressor; como tal, pretendo sensibilizar o olhar pedagógico para as diversas ramificações de ação na Educação, destacando, então, uma dessas ramificações, que visibiliza sujeitos quase apagados da nossa história e contempla os vínculos entre a Educação, a periferia e as ruas — essas mesmas que, para além de meras passagens, são a morada de uma população inteira. População que respira, se constrói, se produz e resiste, compondo uma imensa pluralidade de *ser* gente e de *estar* nas ruas. Nessa perspectiva, realizei uma pesquisa de cunho qualitativo com estudantes em situação de rua no município de Porto Alegre/RS, matriculados na totalidade 2 da Educação de Jovens e Adultos em uma Escola Municipal. O objetivo da pesquisa é conhecer as táticas (CERTEAU, 1998) e redes (REQUENA SANTOS, 1994) produzidas por pessoas em situação de rua, problematizando as articulações estabelecidas com práticas escolares, entendendo e acentuando a importância do saber popular na construção do saber erudito (BRANDÃO, 1996). Para essa investigação, explorei duas técnicas distintas, mas complementares: a observação, que permite estar em um dos contextos de ação — a sala de aula — e as entrevistas narrativas, que destacam, através de diversos olhares, diferentes significações e produções de mundo. Nessas produções, ressalto a transitoriedade desses sujeitos *nos* e *entre* os lugares dos quais estão se apropriando, tornando-os espaços significativos e de resistência popular.

Palavras-chave: **População em situação de rua. Táticas. Redes sociais. Educação popular. Educação de Jovens e Adultos.**

## SUMÁRIO

<b>1 OS ELOS ENTRE A EDUCAÇÃO, A PERIFERIA E AS RUAS.....</b>	<b>9</b>
<b>2 MEMÓRIAS E SABERES DAS RUAS.....</b>	<b>12</b>
<b>3 PILARES DAS PALAVRAS ESCRITAS E SENTIDAS.....</b>	<b>16</b>
3.1 EDUCAÇÃO POPULAR: o espaço social das idéias.....	16
3.2 TÁTICAS E ASTÚCIAS: paradigmas de sobrevivência e poder.....	17
3.3 REDES SOCIAIS: para além da afetividade e incompreensão.....	19
<b>4 TRANSGRESSÃO E OUSADIA: ARTES DE RESISTIR.....</b>	<b>21</b>
4.1 “ENTÃO FAÇAM DAS FLORES NAVALHAS, QUE FAREI DAS CANÇÕES BAIONETAS”.....	24
4.1.1 Religiosidade: simbologia moral e rede de apoio.....	25
4.1.2 Família e amizades: núcleos (des) construídos.....	27
4.1.3 Mulher (es) em narrativa: experiências vividas à práticas reflexivas.....	31
4.1.4 Escola: flexibilidade de saberes e atribuições.....	33
<b>5 RESISTÊNCIA: PERTENÇAS E SABERES EM MOVIMENTO.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>38</b>
<b>APÊNDICE A — ROTEIRO PARA ENTREVISTAS.....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE B — TABELA DE SISTEMATIZAÇÃO.....</b>	<b>41</b>

## 1 OS ELOS ENTRE A EDUCAÇÃO, A PERIFERIA E AS RUAS

Há uma notória fala de Paulo Freire, pensador e educador de lutas e transformações, que ampara a coletânea de ideias, narrativas e análises que seguirão neste trabalho. Escreveu ele que a "educação não transforma o mundo, pois educação muda pessoas, e pessoas transformam o mundo" e nada mais posso fazer eu, após quatro anos criando vínculos e significações para a Educação, que concordar com tal afirmação.

Nesse cotidiano cercado de pensadores e pensamentos, coexistimos com diversas maneiras de se enxergar e viver o mundo como docente, dentro ou fora das instituições escolares. Como principal, enxergamos e vivenciamos uma precarização da Educação; temos poucas verbas, negligenciamos nossos professores e acusamos nossos alunos de mau aproveitamento. Todos, educadores ou não, sabemos disso. Mas o quanto essa Educação, na qual tantos palpitam, é somente esse orbe de desventuras? São tantas as restrições de recursos e tão recorrente a depreciação do nosso ensino público, que nos perdemos em uma espiral de lamentos econômicos.

Neste trabalho, entretanto, minha busca é pelo oposto; o que há de belo na Educação, para que ela possa ser como Paulo Freire escreveu? Penso ser através do contato com a Educação, dentre outras práticas, que percebemos, enxergamos, vivenciamos e nos posicionamos no mundo. O viver e o experienciar são fundamentos da Educação, pois é assim que concebemos sentido aos conhecimentos ensinados. A experiência poderia ser compreendida como uma estrada, vivida-interpretada, onde aquilo que acontece marca e afeta, produzindo efeitos e deixando vestígios, conforme concebidas pelos sujeitos suas narrativas pessoais (Larrosa, 2002). Assim foram, aliás, os três meses finais da etapa de estágio docente obrigatório (abril, maio e junho/2016) deste curso, que promete nos preparar para a Educação: um caminho *dentro da sala de aula* atravessado com paradas bruscas, avanços expressivos e recuos indispensáveis, onde vivi e compreendi uma parte do que é educar.

Ao final desse caminho, esboçou-se um questionamento que, com o passar dos dias e das experiências, vinha se apresentando como inquietação nas minhas

interações da escola. Percebi que, por estar atuando em uma escola da rede pública do município de Porto Alegre, com diversas condições sociais representadas, mas onde a maioria eram de vivências marginalizadas, as histórias que se tornavam alvo de interesse nas conversas eram normalmente aquelas onde a brutalidade e a pobreza da periferia eram protagonistas, frente às quais outras perspectivas e histórias sucumbiam pela ausência de espaço ou interesse. As experiências em sala de aula eram enfatizadas pela dor e violência, esquecendo-se as sutilezas e riquezas que aquelas pessoas experienciavam para além do sofrimento, e/ou em lugares diferentes da sala de aula.

Naqueles meses, além disso, presenciei a Educação vista por mim, meus colegas graduandos e professores predominantemente como falta de verbas, negligência e mau aproveitamento; professores e alunos, principalmente esses últimos, restringidos somente a vítimas dessa condição de desrespeito e precariedade, pouco visibilizados em sua condição como sujeitos de ação.

Questiono-me, assim, em que “paradas” desses caminhos de sofrimento consideramos as diferentes trajetórias que nos chegam à sala de aula? Em que momentos olhamos ao nosso redor, e consideramos aqueles que estão em sala de aula conosco desde suas inserções e práticas outras? Ou, então, quando atentamos para aqueles cujas histórias, riquezas e saberes estão situados nas ruas, movimentando-se junto a nós?

Poderíamos nos ater à diversidade social e cultural que nos cerca, representada, por exemplo, nos saberes populares, da periferia e das ruas, mas, muitas vezes, julgamo-las vítimas e impomos uma Educação não transformadora, que invisibiliza pessoas e saúda a prioridade dos conteúdos. Percebo que o questionamento que permeou meu estágio docente e, agora, será exaltado nos escritos que seguirão é a (in) visibilidade e existência de espaços para a periferia<sup>1</sup>, que ocupa as ruas, movimentando-as e tornando-as suas moradas. Saliento ainda que esses escritos são sobre o protagonismo desses sujeitos, em sala de aula e fora dela, na lida com as precariedades — visto que elas são lamentadas porque existem e, longe de ignorar

---

<sup>1</sup> Entende-se aqui periferia como um construto identitário, “uma pertença comum” que se movimenta pela cidade e não somente como bairros e regiões à margem (PINHEIRO, 2016).

essas marginalidades, passo a palavra para quem as vive e as sente.

Para materializar algumas respostas para a dita questão, realizei uma investigação qualitativa, por meio de interlocuções com educandos de uma Escola Municipal (EM) da cidade de Porto Alegre/RS, cuja proposta pedagógica é atender jovens e adultos em situação de rua. Centrei a participação junto a uma turma de T2<sup>2</sup> e, dialogando com esse contexto, busquei proporcionar momentos em que a problemática de pesquisa se configurasse. Elaborei-a na forma do seguinte objetivo: conhecer as táticas e redes produzidas por pessoas em situação de rua, problematizando as articulações estabelecidas com práticas escolares, entendendo e destacando a importância do saber popular na construção do saber erudito.

Uma vez que não consegui dar lugar às experiências de meus educandos em minhas falas enquanto percorria meu caminho no início da docência, dedico meu semestre e trabalho de conclusão de curso para criar um espaço que dê visibilidade às vivências cotidianas de pessoas em situação de rua — lado a lado com essa leitura que a Educação nos permite criar das realidades, concebendo pensamentos e realizando ações que possibilitam, pouco a pouco, transgredir limites que pareciam impostos e, assim, transformar o mundo.

---

<sup>2</sup> Totalidade 2 da Educação de Jovens e Adultos, referente ao período de alfabetização escrita e matemática.

## 2 MEMÓRIAS E SABERES DAS RUAS

Compreensão. Essa é uma palavra definida, de acordo com os dicionários da Língua Portuguesa, como a disposição para compreender o outro e compartilhar de seus sentimentos; de perceber e entender o significado de algo. Compreender é, portanto, uma das formas de romper com a invisibilidade (in) conformada na qual estão inseridos os sujeitos convidados para a pesquisa. Para proporcionar esse rompimento de sentidos, construo nesses escritos uma investigação de cunho qualitativo, que visa não a quantificação, mas a significação de realidades “distantes” e ao mesmo tempo tão próximas de nossas salas de aula, considerando toda sua complexidade social. São distantes porque não as vemos em interlocução a como nos dizem que são aqueles que as vivem, mas sim, na maioria das vezes, como as julgamos ser.

Nessa pesquisa, portanto, que intenciona visibilizar pessoas social e politicamente ocultadas, é necessária a compreensão de intenções e sentidos. Para atender essa necessidade, explorei primeiramente uma técnica que permite estar no “terreno”, nos contextos de ação: a observação.

A observação é

[...] também considerada uma coleta de dados para conseguir informações sob determinados aspectos da realidade. Ela ajuda o pesquisador a “identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (LAKATOS, 1996:79). A observação também obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade. Esta técnica é denominada observação assistemática, onde o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle. Geralmente este tipo de observação é empregado em estudos exploratórios sobre o campo a ser pesquisado. (BONI; QUARESMA, p. 71, 2005)

Logo, a observação implica em ouvir, ver, perceber e sentir, compreendendo os momentos de escuta e de questionamentos e fazendo uso deles. Nesse período de pouco mais de um mês — meados de agosto a meados de setembro — em que busquei a criação de vínculos com os sujeitos, observei suas rotinas no estar em sala de aula. Procurei orientar meu olhar para as formas como os sujeitos se colocavam

como estudantes enquanto adultos em situação de rua. O que buscavam ao estarem ali, sentados, após tanto ou nenhum tempo? Que saberes os interessavam e de que forma eles interagiram com esses saberes, poucas vezes inéditos para eles? Que histórias narravam, que assuntos debatiam, que questões traziam para aquele espaço? Cada uma dessas indagações foi respondida nas manhãs em que passei com eles, de maneiras indiretas, sutis, entrelaçadas com um cotidiano pelo qual eles demonstravam ansiar — fosse pelos saberes, fosse pelas oportunidades de alimentação e higiene que a escola proporciona.

À vista disso, tento exprimir neste trabalho a emissão de diferentes vozes, aquelas que pouco são ouvidas e, menos ainda, sentidas. Quando emitimos vozes, abrimos espaço para que outros compartilhem suas experiências e as astúcias provindas destas. Assim sendo, optei por produzir também entrevistas narrativas, a fim de complementar os registros da observação em campo.

Em uma narrativa, o que importa não é a verdade sobre o que está sendo contado, e sim aquilo que o locutor entende ser sua verdade; como são destacados momentos importantes de sua trajetória, como são apontadas relações de causa e consequência e como são tecidas as temporalidades de seus relatos. Dessa forma, o que importa não é a veracidade das narrativas, mas sim a forma com as quais elas se fabricam e o que elas representam. Nessa perspectiva, pode-se dizer que

[...] minha identidade, quem sou, não é algo que progressivamente encontro ou descubro ou aprendo a descrever melhor, mas é algo que fabrico, que invento e que construo (...) nessa gigantesca e polifônica conversação de narrativas que é a vida (LARROSA, 1996, p.477).

As narrativas são significações e produções de mundo, sendo uma leitura particular e artesanal de seu emissor. Ter como instrumento principal as narrativas, contadas através de uma entrevista, portanto, é ter como base de pesquisa itinerários de vida, onde a comunicação veicula as experiências subjetivas de quem as conta. Assim, as narrativas provocam sentimentos e emoções dos mais diversos, uma vez que acaba por sensibilizar e tocar quem as ouve ou as lê, fazendo-os compreender as experiências partilhadas a partir das que viveram; acarretam-se, dessa forma, diferentes linhas e caminhos de entendimento e interpretação, pois eles se darão a

partir do envolvimento e experiência dos entrevistados e entrevistador no momento de diálogo (Muylaert; Júnior; Gallo; Neto, 2014). Visando essa perspectiva única e particular, busquei sujeitos que pudessem representar distintas realidades e, dessa forma, foram convidados três homens<sup>3</sup> e uma mulher<sup>4</sup> para participar da pesquisa.

Ao analisar uma narrativa, percebemos que as histórias de vida evidenciam as experiências individuais e dos coletivos que seus locutores integram, podendo revelar assim pertencimentos; dessa forma, também compreende-se os contextos sóciohistóricos nos quais essas pessoas estão inseridas, e de que forma elas os modificam e atuam, apropriando-se dos lugares (sejam físicos ou simbólicos) e, assim, ocupando-os. A estruturação prévia das questões a serem abordadas durante a entrevista foi pensada a partir do vínculo que desenvolvi com os sujeitos alunos, que foi a escola. Através de questões que incitavam suas motivações para frequentar as salas de aulas novamente — ou pela primeira vez —, conduzi a narrativa para seus tempos fora dessas salas, suas aprendizagens a partir delas e as utilidades que construíram a partir desses saberes. Assim, pude conversar com cada um sobre suas relações e acontecimentos vividos fora da escola, experienciadas como consequência ou causa de suas situação de rua.

O fator importante, e que orientou o modo como se desenrolaria cada entrevista, foi a busca por evitar constrangimentos aos interlocutores (que serão aqui citados por nomes fictícios) as perguntas eram feitas em momentos em que havia espaço para tal, respeitando a linha de narrativa de todos. Dessa forma, muitas deixaram de serem feitas, visto que o sujeito já havia discorrido sobre, ou estava ele desconfortável em fazê-lo. Pude perceber, portanto, ao respeitar o espaço de fala e conforto de cada um dos locutores, claramente as pertencas e alguns sentimentos destes entrevistados nas histórias em que contavam: seus medos, suas significações, a forma como enxergam o mundo e o definem em palavras pequenas e simples — nada além de *complicado*,

---

<sup>3</sup> Sendo dois deles autodeclarados negros e um que reconhece nunca ter pensado sobre negritude; destaco essa questão por ser um fator importante: de todos os indivíduos matriculados na escola, grande parte são negros, todos em situação de vulnerabilidade social. A pobreza e a periferia no Brasil têm cor, e é devido a esse aspecto que necessitamos de recortes raciais nas discussões e análises sociais.

<sup>4</sup> Única em sua turma e que demonstrava certa resistência em conversar com pessoas fora de seu círculo pessoal, por isso a preocupação em ter representatividade feminina.

*chato e difícil.* No primeiro apêndice disponível neste trabalho, encontra-se o roteiro estruturado como guia para as entrevistas.

Antes das entrevistas, quando os conheci mediante a observação e conversa em sala de aula, cada um dos sujeitos demonstrou diversos sentimentos perante minha presença e minha intenção de pesquisa: a vontade de ser ouvido, a angústia de apresentar sua realidade para alguém “de fora”, a tristeza pelas histórias a serem contadas, o frenesi pela possibilidade de participação e a inquietude de não saber se de algo adiantaria estes escritos. Durante nossas conversas, houve risos de alívio, esgares de preocupação e silêncios de constrangimento — todos esses momentos característicos de uma pesquisa que intenta compreender o outro.

Nessa perspectiva que entendo humanizada e sensível, procuro associar a análise das entrevistas narrativas transcritas com a observação da turma em que os sujeitos de diálogo estão matriculados, enunciando assim as produções de mundo e realidades percebidas por eles. Para tanto, sistematizei o observado com o ouvido, podendo enxergar, assim, as táticas e redes de cada sujeito, como elas se relacionam e de que forma se comunicam com o coletivo.

A partir dessa sistematização, apresentada no segundo apêndice deste trabalho, portanto, descrevo em capítulos futuros os resultados de tudo que foi dito a mim e observado por mim, fosse angustiante ou engenhoso, esmorecido ou resistente — e não deixo de destacar a grandeza dessa última palavra.

### 3 PILARES DAS PALAVRAS ESCRITAS E SENTIDAS

No decorrer do esboço, coleta e escrita das análises deste trabalho, alguns conceitos e abordagens foram escolhidos de acordo com a leitura de mundo da qual optei por partir. Assim sendo, divido este capítulo em três grandes ideias: a significação da Educação como um posicionamento político a partir da construção de saberes práticos e/ou coletivos; os conceitos e aplicações das noções de tática e astúcia; e uma análise sobre a construção e importância das redes sociais para os sujeitos com quem dialoguei.

#### 3.1 EDUCAÇÃO POPULAR: o espaço social das ideias

A Educação se produz e constitui a partir de experiências — ela é, como nos sensibiliza Paulo Freire, “um ato político”. Estamos envolvidos em um mundo que ignora realidades e torna a Educação sofrida, especialmente quando passa a reconhecer no saber, qualquer que seja ele, utilidade e verdade absoluta. Como nos questiona Rubem Alves, que sentido há em aprender a escalar montanhas no deserto ou a construir iglus em trópicos? Contrariando o concreto, todo saber pode ser útil, mas na vida cotidiana, "a utilidade dos saberes se subordina às exigências práticas do viver" (Alves, 2012).

É nesse ponto que encontramos um paradoxo entre o saber coletivo e o saber da ciência, significados aqui, respectivamente, como *saber popular* e *saber erudito* (Brandão, 1986). Desde uma perspectiva economicista, a Educação tem sido vista como formadora de capital humano, ou seja, ela não forma cidadãos, mas sim sujeitos aptos ao mercado de trabalho, subordinados a um ensino dominante onde o saber erudito é o único conveniente. Quando se levanta a ideia de um movimento contrário a esse sentido, que direciona a Educação para as necessidades e demandas de um povo, atendendo a diferentes culturas e cotidianos, argumenta-se a retirada da Educação de domínios restritos e a pertinência do saber popular.

Nessa conjuntura, o saber popular (do povo, um conhecimento difuso) e o saber erudito (centralizado em especialistas) se tornam excludentes, colaborando com um

cenário desigual, onde aqueles que são detentores do conhecimento popular são levados a marginalização. Compreendendo esse ambiente de exclusão, a Educação Popular entra para fomentar a reunião entre o saber popular e o saber erudito, partindo da perspectiva de promoção e efetivação dos direitos do povo. Assim,

A partir desta divisão esses dois domínios de saber não existem nem separados um do outro, nem paralelos um ao outro. Há um processo contínuo de expropriação erudita de segmentos do saber popular [...]. Há um processo contínuo de reapropriação popular de segmentos de um saber erudito que a lógica do campesinato, por exemplo, redefine. (BRANDÃO, 1986, p. 15)

A Educação Popular propõe-se à formação de indivíduos para a cidadania, reconhecendo-os como sujeitos políticos e de diálogo e não somente como sujeitos econômicos. Logo,

Em suas formas mais consequentes, que hoje se recobrem de inúmeras iniciativas em todo o continente, a educação popular apenas gera um primeiro momento de passagem de uma *educação para o povo* a uma *educação que o povo cria*. Que ele produz ao transitar — não porque se educa entre educadores, mas porque inclui a educação popular no trabalho político que educa a ambos — de sujeito econômico a sujeito político, e ao se reapropriar — tanto tempo depois, tantas histórias depois — de uma educação para fazê-la ser, pouco a pouco, a sua educação: a educação através da qual ele não se veja apenas como um anônimo sujeito da cultura brasileira, mas como um sujeito coletivo da transformação da história e da cultura do país. (BRANDÃO, 1986, p. 49)

Como um de seus fundamentos, portanto, a Educação Popular busca a retomada da cidadania e da inclusão das classes populares, em uma arrancada pela consciência política e moral de todos. Nessa perspectiva, a Educação Popular pode dialogar com grupos identificados como periféricos, visando promover essas pessoas como cidadãos e detentoras de saberes úteis, criadores e astutos.

### 3.2 TÁTICAS E ASTÚCIAS: paradigmas de sobrevivência e poder

Colateralmente ao fato da escola estar a serviço da disciplina dos saberes, estão nossos jovens, nossos adultos, também à mercê da inutilidade prática dessa disciplina.

Desse desserviço, percebemos nossos alunos reproduzindo informações e conhecimentos, redimensionando a valia do que sabem, pois não encontram espaço para isso nas salas de aulas. É nesses espaços — lugares apropriados (Certeau, 1998) —, portanto, que encontramos outros tipos de saberes, que nos levam a dois conceitos que são o cerne destes escritos: as *táticas* e as *astúcias cotidianas*.

Começo, portanto, por aquele que fundamenta esses conceitos (entre outros que aparecerão mais à frente) e que demonstra em suas reflexões extrema confiança na inteligência e inventividade do mais fraco — a "minoría" marginalizada —, que a partir de pequenas resistências conquista pequenas liberdades. Michel de Certeau, historiador de ideias e saberes práticos, autor do livro *L'invention du quotidien* (1974), publicado no Brasil com o nome *A Invenção do Cotidiano* (1994), interroga e reflete nesta obra sobre o comportamento de sujeitos comuns, com práticas e saberes comuns, mas supostamente esgotados à passividade e disciplina. Certeau dialoga com a proposta de que as práticas desses sujeitos manifestam determinada resistência moral e política ao fazerem uso do que ele nomeia como "táticas".

Denomino [...] tática um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como uma totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. [...] Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformá-lo em "ocasiões". Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. (CERTEAU, p. 46-47, 1998).

As táticas são, por conseguinte, não uma fala, um discurso, mas sim o próprio pensar, considerar e agir da melhor forma em determinada ocasião, arriscando-se com os meios que tem em mãos e transformando-os em saberes práticos e úteis à vida cotidiana. Assim, os sujeitos acabam por transgredir contratos sociais através também de "astúcias", opondo-se às estratégias de instituições — uma elite/um grupo dominante —, que são protegidos por sua colocação no espaço e por agirem dentro de convenções sociais.

Cotidianamente, podemos reconhecer as táticas em ações práticas e que evidenciam uma solução imediata, rompendo regras, sem um reconhecimento completo de um contexto ou realidade — visto que esse reconhecimento caracterizaria uma maior visão de mundo e realidades e, portanto, uma nova posição de poder. As táticas

estão em ações pequenas como ler, escrever, fazer compras e caminhar, quando, a partir de uma determinada vontade ou objetivo, determina-se a ação a partir do que se tem, do que se precisa alcançar e dos métodos que se conhece, caracterizando, então, uma realização astuta. São nas “táticas articuladas nos detalhes do cotidiano” que podemos enxergar um saber resistente e popular que intenta o enfrentamento do controle e poder. A essa sabedoria nomeamos astúcia e, nos diz Certeau, “compõem, no limite, a rede de uma antidisciplina” (1998).

À vista disso, Certeau apresenta uma antidisciplina dos saberes, visando a articulação de táticas e astúcias, com o propósito da transgressão de normas e demarcações limitadoras do cotidiano. Essa transgressão, contudo, não tem um ponto de partida; ela pode ser iniciada nas salas de aula, no trabalho, nas ruas. A transgressão precisa ser vivida e experienciada.

Por meio da antidisciplina dos saberes de Certeau o conhecimento se torna prático e não mais inútil; característica marcante nas narrativas aqui descritas e analisadas, aquilo que se ensina é o que se fala, e o que se fala tem que estar ligado a vida — e o cotidiano nada mais é senão o peso da vida, aquele que nos oprime e pressiona, dia após dia, pois existe uma opressão do presente (CERTEAU, 1998).

### 3.3 REDES SOCIAIS: para além da afetividade e incompreensão

No decorrer da escrita das narrativas em questão, pude observar vínculos e associações entre os sujeitos convidados para a pesquisa e outros que lhes abarcam o cotidiano; cada vínculo rompido e construído narrado por eles mostrou uma prática, quase naturalizada, de extrema força e colaboração consigo e o outro. Essa prática mostra que para resistir ao cotidiano nas estruturas sociais às quais estamos vinculados, interagimos com outros indivíduos ou grupos, nos relacionando a partir de interesses, afetos e atividades em comum, constituindo assim redes.

São essas interações nas redes que construímos que podem garantir apoio, seja ele físico, financeiro, emocional ou identitário. A essas redes nomeamos redes sociais, definidas como as relações pessoais que envolvam “contratos”/laços entre pessoas que possuem as mesmas pertencas em esferas de ação específicas. De acordo com

Requena Santos (1994), as redes acontecem de forma voluntária, sendo assim um espaço de escolha, onde o indivíduo escolhe com que se relacionará a partir da sociabilidade e/ou necessidade, podendo ser um companheiro ou vizinhos (ligados ao contexto, ou seja, como uma consequência ao seu entorno) ou amigos (não tão ligados ao contexto). Ainda, elas podem ser percebidas em situações não tão voluntárias, pois acontecem também através de contextos em comum, como o território ou a classe econômica, onde as pessoas com as quais constituímos as nossas relações fazem parte de uma instituição, como a rede familiar.

Cada rede construída pelos sujeitos de ação se mobilizam e permanecem a partir de trocas, nas quais os sujeitos que a integram criam a partir e apesar das contingências, uma rede de apoio. Em um contexto periférico, as redes se mostram de absoluta necessidade, não apenas como um vínculo social para o prazer e lazer, mas sim como um suporte onde a reciprocidade e o cuidado um com o outro são essenciais.

Sob essa perspectiva, conduzirei as análises e sensações descritas considerando o espaço no qual os indivíduos e locutores destes escritos constroem suas ações cotidianas, movimentando os saberes, e dessa forma experimentam as possibilidades e limites deles, assim como constroem suas redes sociais de reciprocidade e apoio.

#### 4 TRANSGRESSÃO E OUSADIA: ARTES DE RESISTIR

*Morrer todo mundo vai, não dá pra escapar. Mas vamos falar um pouco de vida, de estudar? Que é assim que a gente sai da morte. (Leonardo)*

Considerando a intenção de visibilidade e protagonismo dos locutores desse trabalho, destaco as palavras acima, que foram ditas por Leonardo, em setembro de 2016, durante uma aula da turma observada em que o diálogo se estendeu para as adversidades das noites nas ruas, a céu aberto. Leonardo é um homem sem predisposição à confiança, mas que deposita extrema esperança nessas mesmas pessoas às quais não confia. Ele enxerga a morte de forma clara e diz não a temer, mas, assim como seu colega Alessandro, vê também como a debilidade da dignidade, o que o amedronta. Esse homem que, no auge de seus 40 anos, investe seu tempo em materializar seus conhecimentos e concluir sua escolarização é apenas um dos muitos que compõem a população em situação de rua em Porto Alegre. Então, quem são essas pessoas?

Da mesma forma que outros núcleos populacionais, a população em situação de rua é composta por uma multiplicidade de identidades e pertencas, que, entretanto, muito sucumbe aos estigmas associados à ela. Para romper esse paradigma, é necessário, portanto, compreender que “a rua é, também, um espaço de produção de relações sociais e simbólicas habitado por sujeitos com agência política que exploram o mundo na instabilidade de seu movimento” (SCHUCH; GEHLEN, p. 13, 2012). São formas de experienciar a rua e permanecer nela, de “estar” nela e “ser” dela (VIEIRA; BEZERRA; ROSA, 1992), desconsiderando-a como somente local de transição, do ir e vir, e passando a usá-la como suas moradas, que singularizam essas pessoas como “em situação de rua”<sup>5</sup>. Assim,

---

<sup>5</sup> É necessário considerar também a opção e ação política de sujeitos que fazem das ruas suas como demonstração de autonomia política e contrariedade a uma instituição governamental, apesar desse grupo não fazer parte dos objetivos centrais desse trabalho.

[...] a ruptura entre a terminologia “morador de rua” e “pessoas em situação de rua” e/ou “população em situação de rua” foi, portanto, significativa de toda uma mobilização política que visou, de um lado, atentar para a situacionalidade da experiência nas ruas e, de outro, combater processos de estigmatização dessa população, definindo-os a partir de uma concepção do habitar a rua como uma forma de vida possível, e não através de uma falta ou uma carência – de casa ou local de moradia fixa [...] O espaço da rua aparece, então, como um “lugar praticado” (Certeau, 1984): um lugar existencial e simbólico. (SCHUCH; GEHLEN, p. 17, 2012)

Nesse sentido, essas pessoas são aquelas que, por qualquer que sejam as razões, passaram a habitar as ruas, apropriando-se delas e fazendo parte de seu trânsito, recebendo o que elas têm a oferecer<sup>6</sup>. Essa transitoriedade na cidade caracteriza, assim, uma demonstração de saber popular, ao passo de que eles deixam de ser lugares urbanos desvalidos para tornarem-se espaços apropriados (CERTEAU, 1998) e ocupados<sup>7</sup>. São, portanto, agentes políticos, mobilizados à luta pela escuta de suas vozes, ou mesmo silenciados estruturalmente, mas em uma batalha de resistência cotidiana própria.

Um dos movimentos de visibilização de vivências e luta da população em situação de rua de Porto Alegre é o jornal Boca de Rua, elaborado pela própria população com a orientação de jornalistas e publicado desde o ano 2000 em edições trimestrais. Reivindicando o comando de seus lugares de fala, os locutores mostram que não se reconhecerão mais no distante e no invisível, mas sim como atuantes sociais diretos. Através de notícias, poemas e fotografias, essas pessoas traçam narrativas sobre a brutalidade da precariedade em que vivem, fabricando assim suas experiências, lendo-se e escrevendo-se, falando-se e escutando-se, e, portanto, em frequente movimento de construção identitária (LARROSA, 1997).

À vista disso,

---

<sup>6</sup> Como uma jovem em situação de rua, que, uma manhã dessas, enquanto a escola não começava seu turno, disse-me que iria tomar café; descobri minutos depois, quando passei por ela, que seu café era nada além de pequenas e roxas amoras de uma árvore na rua ao lado.

<sup>7</sup> Entende-se aqui espaços ocupados como lugares públicos que passam a ser apropriados e ressignificados pela população, física ou socialmente, construindo e manifestando o direito de “estar” e “ser”, através da reivindicação.

[...] a autodefinição dada pelo movimento produz uma visão mais ambígua da própria rua como espaço de criação de identidades e novos relacionamentos, não marcados apenas por falta, perda e despossessão. O Movimento Nacional da População de Rua, ao definir-se prioritariamente por sua agência política, fornece uma visão ambígua da rua: ao mesmo tempo em que busca alternativas para a saída ou a melhoria dessa situação social, também luta pelo próprio direito à rua (De Lucca, 2007). A rua aparece, então, não só como um espaço da carência, mas de inventividade, criatividade e, sobretudo, luta. (SCHUCH; GEHLEN, p. 20, 2012)

É nesse movimento de pertencer e construir que as ruas passam a ser também um território; entretanto, ainda assim é um conjunto de realidades marcadas pela invisibilidade e vulnerabilidade, resultado da exclusão nas esferas econômica, política, cultural e social. Dessa forma, políticas públicas<sup>8</sup> que possibilitam uma assistência social que visam prestar atendimento especializado a essa população não podem ser preteridas, uma vez que são responsáveis por assumir e incluir a população em situação de rua como parte da sociedade, e não mais à margem.

Apesar dessas políticas públicas proporcionarem medidas de reparação e integração, é essencial perceber a forma como têm se mostrado insuficientes perante a urgência da crise social que vivenciamos. Uma evidência dessa carência é o crescimento da população de rua em Porto Alegre, que, em 2011 (último dado estatístico), era de 1.347 pessoas. Hoje, apenas entre as pessoas que têm acesso aos serviços de assistência, o número já subiu em 305 atendidos<sup>9</sup> (FOGLIATTO, 2016). Existem também claros indícios visuais desse aumento, sendo um as calçadas da Rua Borges de Medeiros, no centro da cidade, onde podemos ver a multiplicação das “moradias” de lona, papelão e colchões.

Outra notória evidência é a negligência relatada pelos sujeitos protagonistas desses escritos, que descrevem a construção e produção de suas identidades, a ausência de vagas em abrigos e albergues e a precarização dos recursos disponibilizados com ligeiro ar de desapego e despreendimento. E, como Leonardo, essas mesmas pessoas expõem a melhor forma de “fugir à morte”: vivendo, da melhor

---

<sup>8</sup> Em Porto Alegre, o órgão gestor dessa política é a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), que responde pelo atendimento e promoção de serviços, programas e benefícios para a inclusão de cidadãos que se encontram em situação de vulnerabilidade social, enquanto o Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB) é quem elabora as políticas de moradia.

<sup>9</sup> A FASC, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem em andamento uma pesquisa quanti-qualitativa para a atualização objetiva desses dados até o encerramento do ano de 2016.

forma possível, “do jeitinho que dá, professora, a gente olha pela gente e pelos que são da gente e não vai depender de ninguém pra isso”<sup>10</sup>.

São pessoas como Leonardo e Sônia que são protagonistas nesse trabalho — apesar de serem apenas quatro, eles representam muitos outros. Jovens e adultos, todos em situações incertas, que voltaram à escola ou iniciam pela primeira vez suas trajetórias escolares.

É esse contexto humano que conheci ao começar a participar de algumas manhãs de aula de uma EM de Porto Alegre; a necessidade pungente de bens materiais, mas não de sentimentos. Longe de piedade, descrevo e reflito nas próximas páginas retratos e relatos de luta e ousadia, pequenas “artes de fazer”, bricolagens e táticas que demonstram as realizações cotidianas de um grande jogo astuto e resistente — uma vez que existir em uma sociedade que tanto se esforça a excluir, nada mais são que transgressões que levam, vagarosa e subjetivamente, a transformações.

#### 4.1 “ENTÃO FAÇAM DAS FLORES NAVALHAS, QUE FAREI DAS CANÇÕES BAIONETAS”

São muitas as imposições sociais, onde os “fracos” — aqueles que não desfrutam de poder — aparecem em duas posições: inertes<sup>11</sup> ou resistentes. Àqueles que resistem, muitas são as astúcias que constroem nas artes de fazer. São nessas artes, silenciosas ou estrondosas, que o olhar receptivo à resistência e à luta percebe as táticas com as quais se dribla um sistema dominante. Nessa perspectiva, Certeau (1998) explica a necessidade de “jogarmos”, ou seja, por meio das astúcias, fingir-se parte desse sistema, enquanto o transgride, anunciando resistência.

De que outra forma, pois, agiríamos perante à força dos que detém poder, se não por meio do jogo, da construção de uma estratégia coletiva? De que maneira fazer parte, empreender seus combates, para fazer parte de uma sociedade favorável apenas aos fortes? Nos subcapítulos a seguir, relato histórias a mim contadas — e

---

<sup>10</sup> Fala de Sônia, em setembro de 2016, referindo-se a ineficiência governamental no âmbito das políticas públicas para mães solo em situação de rua e vulnerabilidade social.

<sup>11</sup> A inércia aqui citada de forma alguma se propõe a julgar ou incitar maneiras de se existir e/ou vivenciar experiências.

sistematizadas na tabela apresentada no apêndice B deste trabalho — que favorecem as respostas a essas questões.

#### 4.1.1 Religiosidade: simbologia moral e rede de apoio

Muitos momentos das histórias contadas pelos locutores demonstram uma mesma linha de significações, novas para mim, que ainda não havia refletido sobre esses aspectos sociais: todas as narrativas dos sujeitos homens dessa pesquisa foram perpassadas por menções à religiosidade e suas crenças.

Eduardo se descreveu diversas vezes, com uma nítida calma, como um apreciador da solidão, enquanto tinha Deus como sua única companhia. A solidão de Eduardo, que se caracteriza pela ausência intencional de sociabilidades, possibilita a ele privacidade e segurança nas ruas; talvez por seus consecutivos conflitos familiares, em que lhe era entregue o rótulo de “rebelde” e “desajuizado”, o estar junto nunca lhe proporcionou o apoio que uma rede costuma. Ele também relatou, com leve desapontamento, o motivo final que o fez decidir por estar sempre só; um dia, após receber o pagamento por um serviço, uma pessoa que considerava amigo o roubou e feriu sua perna.

Para Eduardo, essa situação foi constrangedora, e ele não gostaria de ser vítima de outra. Sempre que possível, também, ele opta por trabalhos em construções civis, evitando serviços que acarretariam “muito contato” com outras pessoas. Sua opção pela solidão, ensinou-lhe, contrariamente, duas questões: a primeira foi a, apesar e a partir de sua vontade de permanecer sozinho, Eduardo percebe momentos em que necessita mudar essa posição, a fim de estabelecer vínculos em suas relações com seus chefes; a segunda questão apresentada é a de que sua proteção física e emocional depende de si mesmo e do agrado de Deus.

Sempre trabalhei, desde os meus 14 anos, em lavoura e em tudo que é lugar... Mas agora tô estudando, tô aí, pra ver se ganho mais... Tô mais ajuizado, com um futuro, quem sabe, né. Agora não tô mais desorientado, sou eu e Deus, ele é o único que tá aí pela gente, né... A família cansa um pouco de ti se tu é muito complicado, então é Ele e tu. (Fonte: Eduardo/Setembro de 2016)

Alessandro demonstra ter em Deus uma figura a quem deve gratidão, pois é quem o conforta, assim como enxerga no divino uma figura que orienta sua moral e o limita ou o liberta:

Fiz o errado e o certo sozinho, não vou nem culpar ninguém nem ficar agradecendo. Se um dia eu dizer obrigado pra alguém vai ser pra Deus, que tava ali comigo sempre e não me deixou na mão. (Fonte: Alessandro/Setembro de 2016)

Para esses sujeitos,

[...] pensamos na religião como um meio de explicação para os infortúnios – as coincidências negativas (como acidentes e doenças) –, pois a religião pode explicar porque uma pessoa ligada a nós ficou doente, sofreu um acidente fatal ou é vítima indefesa e gratuita de desesperadora aflição. A religião, nesse sentido, apresentaria a possibilidade de resgatar a indiferença do mundo, e das coisas do mundo, relativamente à nossa consciência e à sua necessidade de dar um sentido preciso a tudo, ordenando a vida e as relações entre as coisas da vida. Falamos também de religião quando estamos pensando no modo pelo qual a sociedade precisa legitimar ou justificar a sua organização, a sua maneira de ser e os seus estilos de fazer. Assim, a religião pode explicar também por que existem ricos e pobres, fortes e fracos, doentes e sãos, dando sentido pleno às diferenciações de poder que percebemos como parte do nosso mundo social. (DA MATTA, 1986, p.74)

A religiosidade é, portanto, um orientador moral e uma rede simbólica de apoio; suas construções de mundo partem dessas crenças, que não estão conectadas a agremiações religiosas específicas, mas sim como uma enfática procura por vínculos e significados em ações e contextos em que buscavam a resolução de conflitos ou a atribuição de sentidos em questões aparentemente sem respostas. Essas crenças são sentidas e transmitidas como saberes comuns, ao longo de gerações e redes mútuas, verbalmente difundindo referências e reproduções perceptivas e representativas de mundo.

Assim, Leonardo, levemente mais alterado quando a questão foi colocada, compreende as dificuldades infligidas por sua situação de rua como um teste ou uma provação divina e superior; adquiriu uma expressão de bastante agradabilidade, entretanto, com a possibilidade de não “precisar” lidar com circunstâncias tão violentas.

Não é fácil não. Te olham torto, te roubam sempre que podem, até dos teus. Eles tão preparado, de olho em ti [...] pegam tudo que tu tem. Na moral tu

nunca sabe quando que vai tá vivo ainda, porque tem mais chance de morrer do que ficar respirando. Tudo ladaia. Mas o cara tem que pensar que é como as minhas irmãs dizem, Deus não vai te dar mais do que tu consegue fazer. Se tá acontecendo é porque tu aguenta. Mas eu também penso que não devia acontecer. Eu até que seguro, mas ia ser legal não precisar, né? Daí esses dias aí me ofereceram uma grana. Trabalho pesado, de tirar o sorriso dos outros. Eu não gosto de fazer essas coisas não, mas eu tava precisando. Minha irmã mais nova não tava falando comigo e ela que sempre me segura, não deixa fazer as coisas erradas. Mas aí eu decidi que se eu saísse da aula e ela tivesse pelas banda, ia falar com ela, porque Deus que tá aí pela gente, ele ia botar ela no meu caminho. E botou mesmo. (Fonte: Leonardo/Agosto de 2016)

É para ele decisivo em suas ações a orientação que outras pessoas de sua rede familiar lhe concedem, pois elas detêm das mesmas motivações e crenças que ele. Suas motivações, dificuldades e significações de mundo são dadas, assim como para os outros locutores, a partir de uma religiosidade sem convenções, desvinculada de elementos doutrinários e organizacionais. De todas as histórias contadas, a religiosidade se mostrou a maior rede (sendo ainda não institucional) de apoio entre os sujeitos desses escritos, talvez porque ela, segundo Da Matta, serve para *explicar* aquelas perguntas que nem a ciência ou tecnologia podem, acalentando a dor, sofrimento ou confusão.

#### 4.1.2 Família e amizades: núcleos (des) construídos

*Troquei uma bala de oitão,  
por um pacote de rosa.  
Uma bala de oitão,  
por um real.  
Minha vida mudou  
sem o conselho de ninguém.  
Vivo humildemente.  
Minha vida está boa,  
Não penso em roubo e morte,  
vejo a vida por outro ângulo.  
Dei a volta por cima. (Alessandro e Eduardo)*

Essas palavras me foram entregues em um pedaço de papel levemente amassado, mas excedendo orgulho. “Olha, professora, eu e o Eduardo que escrevemos”, explicou Alessandro. Eu não sabia o que era uma bala de oitão e, naquele momento, também não sabia o que significava ter trocado uma por um pacote

de rosas. Entendi que não importava. Eles nomearam seu poema como Esperança, e Alessandro, com um sorriso enviesado e sua vontade de se fazer ouvir, versou sobre suas motivações.

Eu vi a morte, professora. Não dava pra ficar daquele jeito, ou tu morria de corpo ou tu morria de alma. Eu fiquei pensando nesses que eu roubava, fiquei pensando... Eles tinham que pagar uma luz, uma água, né? Então eles trabalhavam, tavam lá colocando o que dava pra dentro de casa, trabalhando. Aí eu roubava. Então, né, professora, eu fiquei pensando... Trabalhar é bom, né? Melhor que roubar. Aí eu podia pagar do meu, sem pegar dos cara. Eu fico arrependido, é muito arrependimento, mas agora eu cato minhas coisas e tô tentando ser decente. Mas eu nunca ouvi ninguém não, eu fiz tudo sozinho. (Fonte: Alessandro/Setembro de 2016)

Em todas as falas de Alessandro havia uma característica marcante e que precisei compreender, para então me distanciar de crenças e da moral<sup>12</sup>, evitando julgamento, e assim me aproximar de sua realidade. Enquanto ele relatava suas vivências, o tom de voz ávido e o olhar sedento pela dignidade que contava ter alcançado, eu não conseguia deixar uma questão escapar dos meus devaneios: que motivo leva uma pessoa a se arriscar à morte, a ter sua liberdade suprimida?

Roubos e outros delitos foram sempre presentes em sua narrativa porque essa foi, por longos anos, sua maior rede de apoio. A construção de laços, através de uma necessidade em comum, fê-lo procurar anteparo não na criminalidade, mas na segurança física e financeira que sua participação em grupos onde o crime é organizado concedia.

Entretanto, Alessandro também rompeu essa rede a partir do momento que, como narra em suas histórias, a família passou a ser não apenas uma instituição, uma estrutura formal e discursivamente valorizada, mas sim uma rede, cujo elemento principal é a sociabilidade e reciprocidade — o prazer em estar junto e compartilhar momentos (REQUENA SANTOS, 1994). Seus laços passaram a ser sua família e seus amigos, construindo um novo anteparo de cuidados, onde também consegue segurança — física, financeira e emocional. Ele descreve como, após encontrar uma pessoa com a

---

<sup>12</sup> Apesar de existir um conceito social do que é moralmente correto, a moral não está em julgamento aqui, visto que ela é relativa a realidades — econômicas, religiosas, profissionais e sociais.

qual desejava constituir uma nova família<sup>13</sup>, movimentou-se para “resgatar” a antiga: “Minha filha Vanessa, ela não chegava perto de mim, não me via nem dos domingos. Me separei da mulher, não dos filhos, mas eu não via eles. Ela chorava. Agora ela fala comigo”. Dessa forma, Alessandro tem em sua família apoio inclusive financeiro, o que o faz independer de assistências institucionais.

Assim como mostra Alessandro, Sônia tem em suas redes sociais uma tentativa de independer de auxílio econômico. Através de suas redes sociais, ela encontra não apenas o prazer da sociabilidade, mas a segurança e autonomia financeira, física e política que buscou por muitos anos em sua instituição familiar — e que jamais alcançou. Ela descreveu um pouco de suas experiências em pequenos grupos com o tom de voz alto, fazendo-se ouvir, mostrando o orgulho que sente em estar em uma posição de “escuta e poder” dentro de sua rede.

Lá na Matriz sou só eu de mulher. Tem que saber falar, eu falo e eles me ouvem. A gente é um grupo grande. Eu falo “tem que comprar um rango, comprar álcool”. Eles pede ajuda, e nós ajuda, mas é porque eles me ouvem. (Fonte: Sônia/Agosto de 2016)

Sônia, aos poucos, relata a importância de suas amizades. Para ela, desacreditada pela família com a qual compartilha laços de sangue, as amizades são “mais importantes que as relações familiares no fortalecimento da força moral e identificação da própria realidade” (REQUENA SANTOS, p. 22, 1994). Em suas histórias, a referência às pessoas com as quais mantêm laços de amizade é recorrente. Ela narra “proezas”, trocas e acontecimentos, mas define suas vivências brandamente:

Tem momentos bons e tem momentos difíceis. O mais difícil é não falar das pessoas, não falar do que te fazem. Não ficar usando droga... Tem umas pessoas que falam pra eu não falar, não falar onde tá rolando a droga. É difícil, difícil. Tu tem que ficar perto dos teus amigos, conhecido na rua não dá pra ficar muito perto, porque tem que ficar quieta o tempo todo. (Fonte: Sônia/Setembro de 2016)

---

<sup>13</sup> Alessandro também conta que têm dois filhos de sua esposa e, embora não sejam seus “de sangue”, chamam-no de pai. É com orgulho que ele divide que nenhum dos dois filhos é usuário ou trafica drogas, assim como a importância que eles dão à família, um “abrigo”.

Como relatou Sônia, sua sobrevivência nas ruas depende diretamente das pessoas com as quais se relaciona; Eduardo, entretanto, utiliza de táticas diferentes para resistir à violência e imprevisto das ruas. Ele opta diariamente pela solidão, enquanto caminha pelas calçadas da cidade por vezes sem nada nos pés, esperando o momento em que o sol irá se por e terá uma cama na qual descansar — com um olho sempre atento e vigilante.

Ah, foi complicado, foi complicado, não tive apoio, tava desempregado, desorientado... Vim pra Porto Alegre pra procurar emprego. Aluguei uma casa, peguei o dinheiro do seguro desemprego, gastei já onde não devia, fiquei sem dinheiro. Daí pensei... não tem o que fazer, vou estudar. Daí começou a ficar meio complicado, né, meu objetivo era trabalhar, não era ficar parado, né. Mas aí tô estudando. De dia eu fico aí, caminhando, de noite eu vou pro albergue. Lá não é isso não, tem muito marginal. O cara tem que dormir com um olho aberto pra não levar uma facada. Eu só não durmo na rua porque não tenho cobertor. Mas deixa chegar o verão que, se eu tiver vivo ainda, tô saindo de lá. (Fonte: Eduardo/Setembro de 2016)

Embora inconformado com a situação precária dos albergues, Eduardo mencionou poucas vezes seu anseio em alugar um espaço que pudesse ser seu; suas histórias foram tomadas pelo arrependimento de ter sido um “jovem difícil” e, por consequência, ser o culpado supostamente por estar em situação de rua — situação a qual, apesar de lhe causar infortúnios, ele entende como uma penitência por “seus tempos rebeldes”. Mostrou esse sentimento, inclusive, quando o convidei a fazer parte da pesquisa: foi solícito, disse conversaria comigo, mas não tanto pelo que tinha para contar, e sim pelo que eu gostaria de ouvir e, assim, poder ajudar com meu trabalho. Seu itinerário de vida, como me contou, distancia-se em sua totalidade do de Sônia — a forma como realizam suas ações, das mais comuns, resultando em diferentes percepções e astúcias. Sônia demonstrou acreditar em si e em algumas pessoas para ajudá-la a sair de sua situação de rua, enquanto Eduardo, quando questionado sobre, respondeu apenas que “a sociedade tá muito cega em crescer, em desenvolver. Fica cega em desenvolver e só vê isso, não vê mais ninguém, né.”

#### 4.1.3 Mulher (es) em narrativa: experiências vividas à práticas reflexivas

Desde o momento em que escolhi o caminho pelo qual seguiria meus escritos, preocupei-me em assegurar espaço para a voz das mulheres — o silêncio não deveria fazer dessa pesquisa, seu sítio. Nessa perspectiva, procurei criar vínculos com a única mulher da turma que observei, para que, assim, ela pudesse se sentir confortável e motivada quando a convidasse para ouvi-la.

Lembrando de quando propus a entrevista, Sônia se mostrou muito animada por ter sua voz ouvida por alguém. Solicitou que pudesse ser a primeira a conversar comigo e, por todas às vezes em que não ouvi sua voz em sala de aula, senti a euforia de poder alcançá-la. Como é sua trajetória nas ruas enquanto mulher, se a minha caminhada, longe de ser precária, já é oprimida?

Descobri, minutos mais tarde, que os caminhos pelos quais se enveredou a vida de Sônia eram precários muito antes de sua situação de rua; concebeu uma filha ainda jovem<sup>14</sup> e que educa só, precisou começar a trabalhar como prostituta nas ruas e passou por uma sequência de abusos sexuais em casa, por um tio, com o conhecimento silencioso da mãe. Foram esses últimos acontecimentos que culminaram em sua morada nas ruas e retiraram toda a euforia que senti por sua vontade em contar sua história, que ela contou com a cabeça baixa, os olhos na mesa de concreto em que estávamos apoiadas, não fugindo do fulgor da luz solar da manhã, mas sim evitando encontrar os meus, com o constrangimento impresso em seu semblante.

Foi quando percebi sua vergonha, seu receio em um possível julgamento — como se alguém tivesse o direito em julgá-la por sofrer — que me perguntei: quem é essa mulher, tão pouco mais velha que eu, mas tão diferente e distante mim? Sônia é quem coloquialmente denominamos como “mulher guerreira”. No entanto, por que guerreira? Contra quem são suas batalhas e sua guerra? Uma das possíveis descrições<sup>15</sup> que posso fazer a mostra como negra<sup>16</sup>, mãe solo, prostituta, silenciada enquanto mulher e cidadã e brutalizada pela família consanguínea.

---

<sup>14</sup> É interessante destacar que apesar de ter sido mãe “cedo”, como sugere nossa sociedade, dentro de seu contexto social, onde gestações ocorrem a partir do início da adolescência, Sônia “demorou a ser mãe”.

<sup>15</sup> Não intuito, em momento algum, definir Sônia como sujeito composto apenas por essas características, nem afirmar que esses são os aspectos mais importantes dela enquanto pessoa.

<sup>16</sup> É de extrema importância refletir sobre a solidão da mulher negra no Brasil. Primeiramente “olhar para a solidão de seu grupo étnico [...], ‘destituído de seus meios de produção e de seu próprio corpo

Em um país que silencia e viola mulheres por serem mulheres, sua existência já é resistência, uma batalha cotidiana. É essa resistência que, talvez sem perceber, ela demonstra com orgulho ao explicar um pouco de seu trabalho, olhando para mim pela primeira vez desde que começamos a conversar.

Eu trabalho! Trabalho! Eu cuido de carro, lá em cima na Matriz. Ele é bom, muito bom, mas tem pessoas que ficam de preconceito. Ficam te chamando. Chamam de gorda, chamam de preta. Já me chamaram de vagabunda e eu tava cuidando de carro. A gente tem que erguer a cabeça, porque tô ganhando meu dinheiro. (Fonte: Sônia/Setembro de 2016)

Sua expressão era leve, suas palavras afrontosas, mas sua convicção era feroz. Enquanto relatava sobre as dificuldades de seu dia a dia como cuidadora de carros, Sônia tentava mostrar o valor e a dignidade de seu trabalho. Ela deu ênfase a remuneração, que conseguia por si mesma e “de forma limpa”<sup>17</sup> e também explicou como mantém sua principal rede de apoio: através de escambo com brigadianos. Soou-me estranho aos ouvidos que alguém pudesse ter uma relação supostamente horizontal e cordial<sup>18</sup> com a Brigada Militar, que dirá uma relação de troca. Uma troca astuciosa, uma versão “estranha” contra um sistema de opressões e dificuldades.

Eu tenho uns amigos meus que são brigadianos. Lá em cima, na Matriz. Eu cuido carro e eles cuidam de mim. Eles me ajudam... me ajudam a tentar esquecer. E não deixam acontecer de novo. (Fonte: Sônia/Setembro de 2016)

A conversa com Sônia foi carregada de momentos silenciosos e sofridos. Seus relatos foram inquietantes para ela, que ficou em silêncio diversas vezes, optando por não explicar o significado do que estava narrando. Tive medo de pressioná-la e percebi que se distanciava sempre que eu tentava entendê-la. O significado da troca que faz com os brigadianos, entretanto, é bastante nítido: para evitar as lembranças da

---

enquanto transformador de matéria-prima, de seus sentimentos e de seus afetos. Esse processo [...] denota que tal ocorrência [...] afetou o caráter das relações sociais desse grupo social no Brasil e do seu processo de identidade cultural” (ANJOS; ARRAES, 2015).. Em conjunto com a posição em que a mulher é colocada e vista “a solidão da mulher negra é, portanto, parte indissociável da formação da nossa identidade que o racismo nos impõe” (ANJOS; ARRAES, 2015).

<sup>17</sup> Sônia não costuma falar sobre seu trabalho como prostituta; quando fala, retrata a si mesma com certa depreciação, frisando os odores e outros danos em seu corpo. Ela enxerga a prostituição como um trabalho sujo e indigno, demonstrando sempre constrangimento e fúria quando o assunto é tocado.

<sup>18</sup> Faço uso da palavra “supostamente” para promover a reflexão sobre até que ponto uma relação, onde existe uma clara hierarquia, pode se manter horizontal, sem que um lado se utilize do poder que possui.

violência sexual que vivenciou, Sônia conta com o apoio dos brigadianos com que fez amizade e com quem troca, por uma parte de seu tempo, a segurança de estar distante da crueldade.

Essa tática constitui uma "manobra" entre forças desiguais, algo que Certeau (1998) nomeia como "trampolinagem"<sup>19</sup>; é a forma como Sônia encontrou para proceder com segurança em sua maior batalha: a violência de gênero e a solidão que vivencia enquanto mulher, negra e periférica. Entretanto, ela afirma com força e seriedade: "eu vou sair disso, a rua é difícil, ela não é pra ninguém, mas eu vou sair disso porque ela também não é pra mim."

#### 4.1.4 Escola: flexibilidade de saberes e atribuições

Sônia, única representante da voz feminina deste trabalho, respondeu parte desses questionamentos quando perguntei a ela sobre suas vivências na escola. Parecendo em dúvida sobre o que eu esperava que respondesse — como se eu tivesse muitas expectativas —, ela discorreu sobre suas aprendizagens em sala de aula, de teor conteudista, mas de extrema relevância para suas experiências nas ruas.

Eu conheci a escola pelo meu colega, a gente era amigo lá fora. Daí eu comecei aqui porque eu perdi um bom tempo de aula quando eu era nova. Tu vem nas aulas, na escola, e tu vai sabendo mais coisas. As coisas que te ajudam lá fora... As contas<sup>20</sup> te ajudam, não dá pra ficar te passando a perna. (Fonte: Sônia/Setembro de 2016)

Com um início de sorriso no rosto, ela tentou descrever o entusiasmo que sentiu quando fez sua primeira conta de adição:

A professora passou um monte de número no quadro e eu não queria fazer porque nunca conseguia. Mas daí ela me deu umas pecinhas de um jogo que tinha lá no armário e me ajudou. E eu contei. Contei certinho. Nesse dia eu fui comprar um café de um desses caras que vendem na rua mesmo. Tinha faltado umas moedas e eu sabia que tava faltando! Antes eu tinha que sempre levar alguém comigo pra me ajudar, até no banco. Agora eu sempre vou sozinha, não preciso mais ficar pedindo pra ninguém. (Fonte: Sônia/Setembro de 2016)

<sup>19</sup> Trampolinagem é "um jogo de palavras que associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim" (CERTEAU, 1998).

<sup>20</sup> Aqui Sônia se refere à matemática. Todos os sujeitos de diálogo usam esse termo para se referir a essa área do conhecimento.

Partindo desse contexto, percebo que foi na escola que Sônia reconheceu um espaço de apropriação de novos saberes de utilidade prática para si. E para a ação de realizar contas, prática comum e ordinária, que lhe evidencia movimentos táticos e astuciosos em sua rede de apoio: do não saber, Sônia passa a compreender e usar um novo saber a seu favor, inclusive para novas trocas de interesse pessoal.

Eu também posso ficar ajudando os outros. Lá na Matriz me pedem pra ir junto o tempo todo, pra ver se vão dar o troco, se tá tudo certo no banco. Tem umas outras coisas também entre a gente que ajuda muito, quando tem que se pagar ou trocar. (Fonte: Sônia/Agosto de 2016)

Em outra perspectiva, Alessandro percebe a escola, após voltar a ela, como um investimento: os conteúdos matemáticos dos quais se apropria ele ensina para todos que, sem acesso à escola, procuram sua ajuda, recebendo em troca “o que a pessoa puder pagar”; em serviços prestados, auxiliando-lhe na venda de suas rosas, ou até mesmo com alimentação, enquanto Sônia partilha seus saberes a fim de intensificar os vínculos em sua rede de amizades.

Nessa apropriação do ambiente escolar, Leonardo contou outras “utilidades” dessa instituição, para além das aprendizagens cognitivas:

O bom da escola é que eles te ajudam. Eu tava com uns documentos faltando quando cheguei aqui, aí os caras me ajudaram a conseguir de volta. Todo mundo que entra os caras ajudam. Eu sempre carrego as minhas coisas junto. Mas quem não pode carregar ou tem medo, os caras deixam aqui os documentos. (Fonte: Leonardo/Agosto de 2016)

Esse sentido que Leonardo atribuiu ao *estar na escola* é uma forma clara de esquiva que se contrapõe a uma “nova” lógica social<sup>21</sup> de que a escola está à mercê de uma Educação para o mercado de trabalho, e somente à ela. Leonardo se apropria do espaço da escola de acordo com as necessidades que sente, assim como tantos outros sujeitos alunos, utilizando os saberes e as práticas possíveis dentro da escola de forma astuciosa, para que auxiliem em suas urgências.

---

<sup>21</sup> Em atual discussão no país, muito temos tido a necessidade de ressaltar a necessidade de uma Educação *para* e *com* o povo, contrariando a noção de uma Educação alienante e direcionada somente a contribuir com o capital.

Dessa forma, para esses sujeitos a escola passa a ser um espaço de distintas finalidades, que reconhece alunos como pessoas de necessidades e saberes diferentes. Sem se esgotar em si mesma como um lugar de transferência de conhecimento, a escola se (re) dimensiona a partir de seus alunos, para que toda palavra falada, ouvida, pensada e murmurada não fique presa entre seus muros, mas sim se movimente entre cada pessoa pela qual passar.

## 5 RESISTÊNCIA: PERTENÇAS E SABERES EM MOVIMENTO

Nestes escritos estão as vozes, os sentimentos e as ações de pessoas em situação de rua — pessoas que *estão* nas ruas, mas não são delas, apesar de construírem quem são a partir das situações que vivem nessas ruas... mas *que não são elas*. É o *estar* nas ruas que mobiliza identidades e pertencas, em notável diversidade, construindo redes de apoio e ações astuciosas de sobrevivência — mas também resistência — que constituem os sujeitos em cada palavra escrita aqui.

Em cada história aqui narrada, redes de reciprocidade como a religiosidade (como apropriação) e parceria com a família (seja a de sangue ou a construída a partir de vínculos de amizade) foram relatadas e percebidas como pertencas significativas dos sujeitos, tanto como um explicativo à vida quanto a motivação para seguir com ela. Também foram relatadas diversas táticas apropriadas pelos sujeitos, como formas de independência, segurança física e de bens e até mesmo para apoio emocional — em cada tática, uma “fuga” às convenções. O rompimento total ou parcial de regras social e institucionalmente impostas manifestadas nessas táticas traz a noção da astúcia, de transgressão, que recupera o espaço e o uso, buscando uma liberdade em que se procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas (CERTEAU, 1998). Nesse ponto, a escola demonstrou um papel efetivo ao convidar esses sujeitos a estarem nesse espaço, atuando sob uma política de “redução de danos” e (re) construção de identidades. Assim, a oferta escolar de troca e prática de saberes não delimitados por uma moral imposta, mas sim pela necessidade apresentada por cada sujeito, demonstra a importância do saber *do* povo na construção do saber *para* o povo.

Portanto, através da transitoriedade entre os espaços em que estão se colocando, as astúcias se reconfiguram a partir do acesso à escola, à construção de novas redes e novas representações de mundo, reformulando-se e aliando o saber popular ao saber erudito; é nesse movimento que “o povo, no processo de luta pela transformação popular, social, precisa elaborar o seu próprio saber” (BRANDÃO, 1986, p.47).

Conseqüentemente, é também um momento de leveza nas sutilezas, mas de consistência na (s) resistência (s). Resistir é se defender, reagir, persistir e não se deixar apagar. A resistência não exige movimentos sociais, panfletos, belas palavras em um megafone; resistir é um ato de se transformar, adaptar-se à mudanças, mas também transgredir linhas e limites que violam direitos e silenciam vozes.

Iniciei, pois, esses escritos com a intenção de visibilizar pessoas em situação de rua, propondo uma reflexão sobre a Educação, a humanidade e seu caráter transformador; finalizo-os, entretanto, ainda com essa intenção em escritos futuros — longe de não ter alcançado um objetivo, enxergo-o apenas como uma trajetória intensamente extensa para ser concluída em tão poucas palavras. Encerro-me, então, com palavras que não as minhas, mas de Proudhon, tão francas e genuínas ao simbolizar a resistência cotidiana:

**Os grandes só parecem grandes porque estamos ajoelhados.**

**Levantemo-nos.**

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Anna Beatriz; ARRAES, Jarid. **A solidão tem cor**. Revista Forum Semanal, 2015. <http://www.revistaforum.com.br/semanal/a-solidao-tem-cor/>, acesso em 5 de outubro de 2015.

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Papirus, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005.

DaMatta, ROBERTO. **O que faz o brasil, Brasil?** Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1986.

FOGLIATTO, Débora. **Casas de lona e papelão: empobrecimento na Capital faz crescer população em situação de rua**. Sul21, 2016. <<http://www.sul21.com.br/jornal/casas-de-lona-e-papelao-empobrecimento-na-capital-faz-crescer-populacao-em-situacao-de-rua/>>, acesso em 1 de outubro de 2016.

LARROSA, Jorge. **Narrativa, identidade y desidentificación**. In: \_\_\_\_\_. La experiencia de la lectura. Barcelona: Laertes, 1996.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. 2002, n.19, p.20-28.

MUYLAERT, CJ; JÚNIOR, VS; GALLO, PR; NETO, MLR. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Rev. Esc. Enferm. USP. 2014. n. 48, p. 193-199.

PINHEIRO, Leandro Rogério. Revista IHU on-line, 2016. <http://www.ihu.unisinos.br/558958-periferias-de-porto-alegre-contingente-populacional-supera-o-de-muitas-cidades-gauchas-entrevista-especial-com-leandro-pinheiro>, acesso em 1 de outubro de 2016.

REQUENA SANTOS, Félix. **Amigos y redes sociales: elementos para una sociología de la amistad**. Madri: CIS, 1994.

SCHUCH, Patrice; GEHLEN, Ivaldo. **A “situação de rua” para além de determinismos: Explorações conceituais**. In: A rua em movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre. Belo Horizonte: Didática. 2012.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos e ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **População de Rua: quem é, com quem vive, como é vista**. SP, Hucitec, 1992.

## APÊNDICE A — ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas com pessoas em situação de rua, todas matriculadas em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Porto Alegre, com idades entre 25 e 50 anos. Sem tempo previsto, as conversas duraram entre 18 e 46 minutos e aconteceram no pátio da escola, durante o horário de aula.

O roteiro que segue abaixo foi estruturado para ser uma orientação durante as entrevistas, não necessariamente tendo sido utilizado em sua totalidade e sequência.

Idade:

Gênero:

- Para iniciar, pode me contar como tu conheceu a escola, como foi que começou a estudar aqui?
- Alguma coisa mudou para ti depois que começou a frequentar as aulas?
- Quando não está aqui na escola, o que tu costumava fazer? Tu trabalhas? Como é o teu trabalho?
- Pode me contar um pouco sobre como é a tua vida fora da escola?
- Como é estar na rua? (interação com as pessoas, bens, situações comuns, relação com polícia/BM)
- Tu tens alguma memória de alguma situação em que aconteceu algo inusitado, diferente? Como tu precisou agir?
- Conhece o jornal Boca de Rua? O que pensa sobre ele?
- Como chegou à rua?

## APÊNDICE B — TABELA DE SISTEMATIZAÇÃO

A tabela que segue abaixo foi feita após as transcrições dos áudios das entrevistas, como uma forma de organização e sistematização das histórias contadas pelos sujeitos durante as entrevistas e também durante o período de observação.

	<b>Tática</b>	<b>Rede</b>
<b>Alessandro</b>	Crime organizado (para proteção e auxílio financeiro)	Família (núcleo construído) Religiosidade (Referência simbólica/orientação moral)
<b>Eduardo</b>	Escola (documentação para conseguir benefícios institucionais) Solidude (independência e segurança)	Religiosidade (simbologia para compreender dificuldades) Ruas (como identidade)
<b>Leonardo</b>	Escola (documentação para conseguir benefícios institucionais e segurança de bens)	Boca de Rua (apoio, parceria e visibilidade) Religiosidade (simbologia para compreender dificuldades)
<b>Sônia</b>	Escambo com brigadianos (proteção e apoio emocional) Compreensão matemática (aumento de redes e segurança)	Amizades (para independer do governo) Religiosidade (apoio emocional)